

Exemplo de leitura

BRUXA VAMPIRA

[Livro Um da Trilogia da Bruxa Vampira]

um romance de

Eileen Sheehan

Direitos autorais 2024 Eileen Sheehan
Impresso nos Estados Unidos da América
Direitos Eletrônicos e Digitais em Todo o Mundo
Direitos Mundiais de Todos os Idiomas
EDIÇÃO ELETRÔNICA
LIVROS SÁBIOS DA TERRA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma, incluindo digital e eletrônica ou mecânica, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem o consentimento prévio por escrito da Editora, exceto por breves citações para uso em resenhas

Este livro é uma obra de ficção. Personagens, nomes, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com quaisquer pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é inteiramente coincidência.

Aviso** Partes desta história podem ser muito gráficas, sexualmente explícitas ou violentas para leitores sensíveis. Este romance destina-se ao adulto maduro.

Publicado anteriormente por Babelcube inc.
Direitos autorais 2015 Eileen Sheehan

Este livro é dedicado aos meus maravilhosos leitores.
Seu feedback positivo e conexão com meus personagens
mantém minha imaginação fluindo.

CONTEÚDO

PRÓLOGO

CAPÍTULO PRIMEIRO

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TERCEIRO

CAPÍTULO QUARTO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITAVO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CHPATER QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO EIGHTEEN

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VIGÉSIMO

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

ESPREITE A RAINHA DOS VAMPIROS

[SOBRE O AUTOR](#)

[OUTROS LIVROS DE EILEEN SHEEHAN](#)

PRÓLOGO

Já se passaram mais de cinquenta anos desde que a bomba nuclear foi lançada durante a guerra entre a Nova Ordem Mundial e a Irmandade do Homem. Algumas partes do planeta sofreram mais do que outras. Um número limitado de áreas teve a sorte de ser apenas levemente beijado pela radiação tóxica que pairava sobre a superfície da Terra como um grosso manto de névoa. A maioria dessas áreas era remota e não interessava aos poderes constituídos. Foram as cidades mais populosas que chamaram a atenção. A rápida limpeza dessas cidades foi colocada como prioridade máxima para todos os cientistas empregados pela Ordem. As áreas remotas foram deixadas aos caprichos da Mãe Natureza.

A maior parte do planeta não se saiu bem sob o ataque nuclear, nem seu povo. Aqueles que não eram ricos ou conectados o suficiente para se retirar para uma instalação subterrânea quando as bombas foram lançadas sofreram mutações corporais da forma mais grotesca. A vida vegetal e animal também sofreu mutações ou foi destruída. A comida tornou-se tão escassa que as pessoas passaram a comer umas às outras.

Preparada para a devastação que o bombardeio nuclear causaria, a Nova Ordem Mundial equipou seu exército com equipamentos especiais e roupas para patrulhar a superfície da Terra poucos dias após a explosão.

Demorou alguns anos e muitas vidas perdidas até que os mutantes fossem finalmente levados para a clandestinidade.

Os cientistas da Nova Ordem Mundial estavam prontos para utilizar sua tecnologia para reduzir o envenenamento por radiação no ar a um nível seguro. Não demorou muito para que a maioria dos que se esconderam debaixo do solo aparecessem para reconstruir suas casas e retomar suas vidas. A ciência inventou uma maneira de limpar o solo e a água da contaminação, mas era cara e feita apenas nas partes mais populosas ou valorizadas do planeta. As áreas menores foram deixadas para o lento processo de limpeza e purificação da natureza. A única coisa que eles não conseguiram corrigir foram os danos causados à camada de ozônio. Precauções precisavam ser tomadas para proteger a pele e os olhos dos raios intensos do sol, mas de outra forma eles eram capazes de replantar e reconstruir lentamente. Os acampamentos eram mantidos pela Nova Ordem Mundial perto das entradas do mundo subterrâneo dos mutantes. As batalhas eclodiram periodicamente enquanto a Ordem procurava impedi-los de retornar acima do solo e planejavam tomar o controle do planeta.

A Terra foi dividida em seções, com um representante da Nova Ordem Mundial ditando cada uma. Nosso ditador, Bartolomeu Muse, era mais jovem do que a maioria e ansioso para provar a si mesmo, mostrando sua força e poder sobre o povo. Ele deu um novo significado à palavra

tirano. Isso resultou em rebelião. Muitos voltaram seu apoio para os remanescentes da Irmandade do Homem.

Minha mãe era uma dessas pessoas. Meu pai serviu no exército de Bartolomeu e foi morto em uma escaramuça com os mutantes quando eu era apenas um bebê em armas. Ainda mais triste do que o fato de perdê-lo, foi saber que ele não era um apoiador de Bartolomeu em seu coração. Ele serviu porque não queria trazer a atenção e a angústia para nossa família que ele sabia que Bartolomeu era capaz.

Minha mãe não poderia ter sido mais oposta ao meu pai. Ela possuía um lado ousado e rebelde que veio à tona quando a notícia da morte de meu pai chegou até ela. O corpo de meu pai mal estava frio quando ela reuniu um pequeno grupo de rebeldes para lutar ao seu lado contra a tirania de Bartolomeu em todos os momentos possíveis. Não demorou muito para atrair toda a atenção de Bartolomeu. Ele fez de sua missão caçá-los.

Eu tinha oito anos quando ele finalmente conseguiu encontrar e matar minha mãe. Estávamos assistindo a um show no parque central. Minha mãe me deixou com meus avós enquanto ela ia falar com algumas pessoas do lado oposto do grande verde. Lembro-me da maneira como seu vestido de gaze branca acariciava seus tornozelos enquanto ela graciosamente tecia seu caminho através de fileiras e fileiras de cadeiras vazias à espera de um público ainda se misturando em pequenos grupos até o início do concerto. O ar estava fervilhando de risos e alegria.

Aí aconteceu.

Típico estilo Bartolomeu, soldados armados com metralhadoras saíram do nada e derrubaram pelo menos metade dos gritos antes que eles pudessem se dispersar. Foi um show de horrores. As pessoas corriam sem querer enquanto gritavam e caíam ao meu redor. A outrora serena grama esmeralda era agora um mar carmesim de terror. Fiquei de pé, congelada, enquanto via o corpo de minha mãe flopar como uma boneca de pano enquanto balas atingiam seu tronco esguio. Quando a investida parou, ela ficou imóvel no chão. Antes que eu conseguisse colocar os pés para me levar até minha mãe, o vício do meu avô me puxou de cena.

Morávamos a poucos quarteirões do parque da cidade e tínhamos caminhado para o concerto naquela noite. Meus avós devem estar preparados para que algo assim acabasse acontecendo, porque não havia pânico ou confusão em suas ações. Eles me empurraram para dentro de um carro que milagrosamente apareceu do nada e me levaram para uma cabine solitária em uma parte remota e desolada do país que estava pronta e esperando por habitantes.

Isso foi há dez anos.

Esses anos se passaram com poucas mudanças em nossa rotina diária à medida que cresci e aprendi o básico de sobrevivência em nosso mundo estéril com meus avós. Além do que pude ver na internet, tive contato mínimo com o mundo exterior.

Então, conheci Geo...

CAPÍTULO PRIMEIRO

A brisa quente sempre presente carregava uma pitada de madressilva das videiras agarradas ao prédio de blocos de cinza em decomposição. Deslizei meus óculos escuros sobre minha cabeça e escureci meus olhos do sol escaldante enquanto contemplava a maravilha de um pequeno aglomerado de borboletas voando de uma flor para outra. Suas graciosas asas ostentavam um brilhante caleidoscópio de cores que complementava as ricas flores em forma de trombeta. Olhei através do visor da minha câmera e ajustei o anel de foco até ter uma visão clara de uma das obras de arte sobreviventes e requintadas da natureza.

Meu dedo pairou sobre o botão de liberação do obturador. Comecei a suar de expectativa. Cenas desse tipo nessa parte do mundo eram muito procuradas no meio da arte fotográfica. Posso não lidar muito com o mundo ao redor do meu pequeno núcleo remoto, mas meu avô de alguma forma conseguiu. Ele tinha todas as conexões certas para levar minhas fotos para as pessoas que pagariam um dólar alto. Ele já havia feito isso várias vezes nos últimos anos. O que começou como um hobby se tornou uma espécie de profissão para mim. Isso nos ajudou a comprar os suprimentos que não conseguíamos produzir sozinhos para nossa vida diária. Isso me deu um senso de propósito e me fez sentir útil dentro da estrutura familiar.

Eu me arrependi do desperdício de bateria que minha câmera digital sofreu por causa das fotos insignificantes que

eu tinha tirado de nada sem vida ao longo do dia. Como eu sabia que toparia com tamanha beleza no meio desse dilúvio de destruição? Eu apostei que tinha suco de bateria suficiente para pelo menos um tiro. Eu precisava tomar meu tempo para ter certeza de que eu tinha a melhor primeira tentativa.

Apenas um bom tiro, pensei.

Respirei fundo enquanto roubava minha mão e disse baixinho: "Faça valer a pena".

"Faz o que conta?", proferiu uma voz profunda, masculina e incrivelmente sensual por trás de mim.

Eu não conseguia acreditar no meu azar enquanto a câmera voava dos meus dedos assustados. Quando ele saltou das minhas botas de combate, eu podia ouvir o clique do obturador liberando. Meu único tiro foi desperdiçado.

"Estúpido! Estúpido! Estúpido!" Gritei enquanto me agachava para pegar minha câmera e inspecioná-la de perto.

Com certeza, a bateria estava morta.

"É um prazer conhecê-los também. Meu nome não é estúpido, é Geordie. Geo para abreviar", disse a mesma voz masculina profunda, cujo fascínio eu provavelmente teria sucumbido se não estivesse tão agitado.

Eu relutantemente puxei minha atenção da minha câmera para estudar o estranho recém-chegado. Seus longos cabelos desgrenhados saíam de baixo de uma fedora Indiana Jones de abas largas e sujas. Parecia que sob toda a poeira suas madeixas emaranhadas de cachos grossos ficariam

pretas corvo quando limpas. Ele ostentava uma barba igualmente despenteada que ele mantinha bem cortada ou era relativamente nova. O fedor de seu corpo suado sob uma gola alta de algodão e um casaco de trincheira de algodão permeava o ar enquanto ele se curvava baixo em saudação.

Ele tirou seus óculos escuros para exhibir olhos castanhos ricos e parecidos com corças que ainda estavam protegidos dos raios solares penetrantes pelas sombras da borda larga da fedora. Eles dançaram divertidos quando eu joguei a mão sobre meu nariz e boca em resposta ao seu mau cheiro.

"Pensei que estava sozinho", consegui dizer enquanto praticamente engasgava com as palavras.

"Eu sei", respondeu.

Esperei que ele elaborasse seu depoimento. Quando ele não o fez, olhei para trás para a cena pitoresca de borboletas e madressilva com saudade desamparada.

"Foi importante?", questionou.

"Quem é você?" Perguntei desconfiado.

"Eu já me apresentei", ele retrucou, "o que é mais do que você fez".

"Qualquer pessoa dessas partes não precisaria perguntar se um tiro como esse era importante", disse desconfiado. "Eles saberiam."

Imaginei que se eu ficasse de pé e me levasse à altura máxima ele ainda tinha uns oito centímetros fáceis em mim. Achei que ele tinha mais de seis metros de altura. Meu

quadro de cinco metros e quatro polegadas era leve e enxuto, mas eu não deveria ser subestimado. Meu avô, que ainda estava em condições físicas fenomenais, se esforçou muito ao longo dos anos para me ensinar múltiplas formas de defesa pessoal com e sem o auxílio de uma arma. Eu poderia derrubar um homem com o dobro do meu tamanho antes que ele soubesse o que o atingiu. Parecia haver uma quantidade considerável de massa sob as camadas de roupa que ele usava, mas se o empurrão chegasse para empurrar eu pensei que poderia levá-lo. O fato de eu carregar o skinner do meu avô amarrado na panturrilha aumentou a minha confiança. Eu tinha afiado sua lâmina naquela manhã. Decidi ficar agachado um pouco mais para garantir fácil acesso ao skinner, se necessário.

"Você também não é daqui", disse o estranho praticamente com defesa irritada, "então mantenha o esconderijo".

Eu nunca tinha ouvido esse ditado e não tinha ideia do que significava.

"Manter o esconderijo? De onde você é?" Eu persisti.

"De onde você é?", provocou ele.

Eu tinha colocado meus óculos escuros de volta sobre meus olhos castanhos profundos em forma de amêndoa. Era como se ele pudesse ver através da lente escura enquanto trancava suas próprias cativantes com as minhas por uns fáceis trinta segundos. Tinha que ser os trinta segundos mais longos da minha vida. Ele fez uma conexão que foi

estranhamente sedutora e eu senti um esvoaçar dentro de mim. Quando finalmente pude, olhei para o lado desconfortavelmente.

De pé devagar, coloquei minha alça de câmera sobre o ombro e comecei a descer a estrada outrora cascalhada em um ritmo logo abaixo de uma corrida. Tive o cuidado de manter meu foco nas ondas de calor que pairavam acima do solo ao longe, enquanto esperava que o esvoaçamento se dissipasse.

"Ei!", ele gritou com evidente irritação depois de mim.

Não me virei.

Para minha agitação, ele estava ao meu lado em pouco tempo. Estudei-o através da minha visão periférica da melhor forma que pude. Ostentava o gingado de alguém com confiança. Era estranho para um homem tão desganhado. Sua voz sexy e olhar sedutor foi rapidamente ofuscado por sua aparência e mau cheiro.

"Você fede", eu rosnei.

"Todos nós sofremos com esse terreno, calor e escassez de água", disse ele com um encolher de ombros.

Ele estava insinuando que eu estava desmaiando? Eu estava vagando pelo terreno empoeirado durante a maior parte do dia, então eu estava quente e suado, mas eu fedo como ele? Eu queria cheirar minhas axilas ou pelo menos dar um tapa na poeira das pernas da calça, mas me recusei a me abaixar na frente dele. Em vez disso, sorri e continuei olhando para a névoa de calor ao longe.

"Como você aguenta usar todas essas camadas?"

Perguntei.

"Você vê aquela névoa de calor pela frente?",
perguntou.

Ele estava brincando comigo? Claro, eu vi a névoa de calor. Qualquer pessoa com um par de olhos trabalhando podia ver a névoa de calor. Monopolizou completamente o horizonte.

Quando olhei para ele como se fosse retardado, ele continuou: "É como se a cenoura estivesse longe o suficiente para permanecer inalcançável. Você caminha, caminha e caminha em direção a ela e nunca a alcança, certo?"

Eu grunhi de acordo.

"Errado", rosnou. "Estamos nisso agora. É o nosso ozônio ferido e está em todos os lugares. É carregado com raios UVC. Você sabe o que eles podem fazer com você?"

"Isso é ridículo", eu disse com uma risada de incredulidade enquanto olhava ao meu redor em busca de sinais da névoa que parecia tão distante. Se esses raios estivessem em nosso ambiente imediato, tenho certeza de que minha avó teria criado alguma forma de proteção para eles. Vem pensar nisso, ela tinha criado o bálsamo que eu usava na minha pele.

"Ok, então talvez não esteja em todos os lugares", ele cedeu, "mas é muito maldito perto de todos os lugares e você sabe disso. Prefiro cozinhar dentro dessas camadas do que fritar sob o ataque desses raios. Além disso, o algodão

absorve o suor e ajuda a manter o corpo fresco." Ele me olhou para cima e para baixo e acrescentou: "Você é louco".

"O algodão também segura o mau cheiro", eu disse em tom baixo destinado apenas para mim.

Eu não tinha certeza se ele estava tentando me levar para um confronto ou se ele realmente achava que eu estava louca por me vestir como eu me vesti. Ao contrário do meu companheiro recém-encontrado, eu ostentava calças jeans largas e uma camiseta igualmente desbotada e folgada que estava completa com um ou dois buracos em lugares onde a modéstia não importava muito. Suponho que se eu estivesse preocupado com os efeitos dos raios UVC, então o que eu usava seria completamente inadequado, mas eu não estava preocupado. O que ele não sabia é que meu corpo estava protegido com um protetor solar caseiro inventado por minha avó, que por acaso era uma mestre herbalista. Eu não sabia muito sobre quem ficou por aí praticando herbologia e magia herbal, mas eu tinha certeza de que ela estava entre as melhores das melhores. Ela alegou que sua mistura era potente o suficiente para me proteger de qualquer coisa que o sol pudesse fazer. Eu a usava há mais de dez anos sem tanto bronzeado, então claramente, ela estava em alguma coisa. Muitas vezes pensei em como era lamentável estarmos tão longe da sociedade. Ela poderia matar na fórmula se ela e meu avô não fossem tão eremitas. Quando sugeri que ele vendesse o protetor solar dela pela web como fez com minhas

fotos, ele disse que a entrega seria muito complicada.

Suponho que ele estava certo.

"Ok, então você se protege do sol com aquelas roupas fedorentas", resmunguei enquanto fazia o possível para superar o insulto que ele acabara de me atacar. "Como você explica aquele esfregão nojento na cabeça?"

"Posso não saber seu nome, mas certamente tenho um controle sobre suas maneiras", disse ele rindo.

Fiz cara feia, mas não disse nada. Como eu era um bebê de armas, me foi dito que estranhos não eram confiáveis. Qualquer um deles poderia ser um dos homens de Bartolomeu. Mesmo tendo matado minha mãe, o tirano doente jurou matar sua prole também. Ocasionalmente encontrei um estranho, mas apenas de passagem. Eles nunca ficaram trocando gentilezas como esse personagem estava tentando fazer. Eu estava um pouco perdido em como lidar com ele. As advertências de meus avós sobre Bartolomeu soavam dentro da minha cabeça como um sino enorme e irritante em um campanário. Esse estranho era um de seus homens?

"Por que você está aqui?" Eu exigi.

Era uma pergunta justa. Estávamos viajando em uma das partes mais desoladas do país. Eu tinha andado um pouco mais longe de casa do que o normal porque estava determinado a encontrar aquela foto que daria a mim e aos meus avós uma almofada confortável durante a maior parte

do ano. Se eu não tivesse vagado, provavelmente teria sido poupado de sua companhia irritante e fedorenta.

"Estou procurando alguém", respondeu.

"Aqui?" Eu ofegava de incredulidade enquanto olhava ao redor para enfatizar exatamente onde estávamos.

"Sim", ele respondeu.

"Boa sorte com isso", eu disse zombeteiramente enquanto pegava meu ritmo.

Eu estava a cerca de vinte metros de distância dele quando o ouvi dizer: "Você parece que pode se encaixar na descrição de quem eu procuro., Você é Casey Merker?"

Parei nos meus trilhos.

"O que você quer com Casey?" Perguntei nervosa, enquanto me recusava a virar-me e olhar para ele.

"Ela é quem eu procuro", explicou impaciente.

"Por quê?" Continuei, ainda sem olhar para ele.

"Você é Casey?", perguntou desconfiado. "Eu acredito que você é."

"Eu não disse isso", disse rapidamente. "Por que você a quer?"

"Se você não é Casey, você a conhece", insistiu.

"Eu também não disse isso", eu disse.

"Casey poderia ser o nome de um menino ou de uma menina, mas você perguntou se eu a conhecia", brincou.

Eu não disse nada. Ele tinha me prendido com a minha própria estupidez. Acelerei meu passo na esperança de que ele ficasse para trás e desistisse.

Não aconteceu.

Ele tinha que ser uma das pessoas mais chatas do planeta.

"Eu realmente gostaria que você me deixasse em paz", resmunguei.

"Diga-me onde posso encontrar Casey Merker e eu vou", disse categoricamente.

"Diga-me por que você quer ela e eu poderia", eu disse.

"É um assunto privado", disse com hesitação.

"Bem, então, o paradeiro dela também", desabafei antes mesmo de saber que havia dito isso.

Que coisa absolutamente de se fazer. Não havia como alegar ignorância de Casey Merker agora. Eu ficaria preso a esse personagem malcheiroso e de aparência desagradável até que eu fessed o que eu sabia.

Ele encolheu os ombros, enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans folgada e cheia de poeira que abraçava seus quadris esguios e baixou a cabeça como se estivesse atravessando uma tempestade. Só a linguagem corporal dele me dizia tudo o que eu precisava saber. Quando ele me informou sem rodeios que iria ficar comigo como cola até que eu lhe dissesse onde encontrar Casey, não foi nenhuma surpresa.

Caminhamos em silêncio pelos quarenta e cinco minutos seguintes. Fiel à sua palavra, ele se aproximou.

Estávamos quase na estrada que levava à minha casa quando decidi que tinha que dizer algo para me livrar dele.

A última coisa que eu queria era que ele soubesse onde eu morava. Além do fato de que meus avós proibiam estranhos em nossa casa, eles ficariam particularmente infelizes se eu chegasse com esse personagem de olhar desagradável em meus calcanhares. E se ele fosse um olheiro de Bartolomeu? Mesmo que ele não fosse um dos homens de Bartolomeu, ele era claramente um caso maluco.

"Bem", eu limpei minha garganta, "é aqui que eu te deixo".

"Talvez eu não tenha me esclarecido lá atrás", disse.

Seu tom arrogante filtrava através de um sorriso que beirava o travesso enquanto exibia uma fileira de dentes perfeitamente formados e bem cuidados. Eles pareciam um contraste estranho com o resto de sua aparência.

"Talvez eu não tenha me esclarecido", respondi com igual arrogância e muito mais autoridade. "É aqui que eu te deixo."

Fechamos os olhos mais uma vez e aquele incômodo esvoaçar dentro de mim voltou. Rapidamente olhei para o lado, embaralhando de pé em pé numa demonstração de impaciência.

Ele puxou um envelope de dentro de seu sobretudo sujo e fedorento e acenou em minha direção.

"Procurei Casey Merker durante a maior parte de um mês. Estou farto, sujo e exausto. Eu estava prestes a desistir e devolver um fracasso quando me deparei com você. Você pelo menos sabe dela. Você pode, por favor, ser decente o

suficiente para me apontar em sua direção?" Um longo silêncio passou entre nós antes que ele continuasse: "Sem sua ajuda, talvez eu nunca a encontre". Quando eu continuei a ficar em silêncio, ele deu de ombros e, em um tom tão profundo que parecia um rosnado acrescentou: "Se você quiser ser o único a dizer a Casey Merker que sua mãe lhe enviou uma carta, mas você não me ajudaria a levá-la a ela, então que assim seja. Que seja na sua cabeça, não na minha".

Se eu já não estivesse ciente de sua irritação, a maneira como ele enfiou o envelope de volta no bolso interno de seu casaco de trincheira e virou seus calcanhares certamente deixou isso claro.

Minha mente se recompôs. Minha mãe estava viva? Como poderia ser isso? Eu a vi morrer com meus próprios olhos. Será que ela tinha sobrevivido e meus avós me levaram embora sem perceber? Essa carta era realmente dela ou de algum impostor? O desejo de saber superava em muito a cautela que eu sabia que deveria sempre tomar com um estranho.

"Eu sou Casey Merker", gritei enquanto estendia a mão para a carta. "Dá-me isso."

Um rosnado furioso consumiu seu rosto avermelhado enquanto ele se virava para mim e levantava os pés, um a um, para exibir as solas de suas botas crivadas de poeira.

"Você me fez andar todo esse caminho com essas botas patéticas quando você poderia ter me dito quem você era desde o início. Que tipo de pessoa você é?", questionou.

A angústia genuína em seu rosto causou um tom de arrependimento dentro de mim. Eu sacudi rapidamente. Eu precisava manter minha cabeça sobre mim e não sucumbir a qualquer poder que esse estranho possuísse no que me dizia respeito. Aquele esvoaçar não era normal.

"Mostre-me o envelope", exigi.

Ele a puxou lentamente de seu bolso interno e a estendeu para que eu visse. Meu nome estava claramente escrito nele em um estilo de caligrafia que eu conhecia muito bem.

"Minha mãe está viva", suspirei.

"Que ela é", disse ele com um sorriso, "e ela está esperando que você se junte a ela".

"Como pode ser isso?" Eu pensei. "Eu a vi morrer com meus próprios olhos."

"Tem certeza?", perguntou.

"Meus avós estavam ao meu lado", expliquei. "Todos nós vimos. Ela levou um tiro no peito pelo menos dez vezes antes de cair. Ninguém poderia sobreviver a isso... ninguém. Eles me tiraram do caos antes que Bartolomeu pudesse descobrir que eu também estava lá."

"Então, você viu ela cair, mas nunca verificou o corpo dela?", perguntou incrédulo.

"Eu tinha oito anos", zombei, "e, como eu disse, ela foi salpicada de balas no peito. Mesmo com tão pouca idade, eu sabia que ela estava morta."

"Mas ela não estava", ponderou. "Seus pais deveriam ter..."

"Pare", cortei suas palavras com um comando rápido. "Nunca critiquem meus avós. Deixar o corpo dela deitado para me salvar foi uma das coisas mais difíceis que eles já tiveram que fazer."

Ele olhou pensativo por um momento e assentiu.

"Provavelmente foi", disse baixinho.

Com a mão ainda estendida, mexi os dedos para indicar que queria o envelope.

"Eu posso ver a semelhança entre você e sua mãe em mais de uma maneira", disse ironicamente. Ele hesitou apenas brevemente antes de me entregar o envelope. "Ficarei feliz em me livrar disso", disse ele. "Da próxima vez que sua majestade pedir voluntários, estarei escondido no fundo da multidão. Eu posso te dizer isso".

"Sua majestade", repeti sua frase, claramente confusa.

"Sua mãe é a líder da nossa pequena sociedade. Em algum lugar com o tempo ela passou a ser conhecida como majestade", se voluntariou. Com uma piscadela rápida e um largo sorriso, ele acrescentou: "Isso faz de você nossa princesa".

Meus dedos tremeram quando abri a carta enquanto minha mente tentava envolver a história selvagem que Geo

estava girando. Nada disso soava plausível. No entanto, lá estava eu, segurando uma carta escrita à mão que eu conhecia tão bem quanto a minha. Era a mesma caligrafia que registrava dias passados nas páginas do diário da minha mãe. Esse diário era uma das poucas coisas que eu possuía que pertencia a ela. Leio quase diariamente.

Meus olhos borraram enquanto eu consumia ansiosamente sua mensagem. Ela escreveu como mal havia sobrevivido aos ferimentos de bala que sofreu durante a matança de frequentadores de shows pela gangue de Bartolomeu. Deixada para morrer com os batimentos cardíacos mais fracos, ela foi descoberta por um bando de renies e levada para sua cidade subterrânea.

"Renies", refleti em voz alta. "O que são renies?"

"Isso é gíria para renegados", disse Geo. "Depois que a explosão nuclear dizimou metade do sistema ecológico e a Ordem assumiu o que restava das terras, pequenos grupos de renegados se uniram e foram para a clandestinidade para escapar de seu domínio."

"Eu conhecia os grupos. Minha mãe fazia parte de um. Eu não sabia que eles se chamavam renies", disse baixinho enquanto continuava a ler.

Ela continuou me contando sobre como os renies a nutriram e cuidaram durante uma recuperação tortuosa e demorada. Uma vez suficientemente curada, ela imediatamente procurou meu paradeiro. Meus avós prepararam uma cabana em uma das partes mais remotas e

mais atingidas do país. Eles optaram por suportar sua solitária desolação por causa da minha segurança, caso algo acontecesse com ela. Ela sabia da cabine, mas não de sua localização exata. Sem perceber que ela sobreviveu e estaria me procurando, meus avós fizeram um trabalho minucioso de esconder nosso paradeiro. Ela não foi capaz de descobrir nossa localização exata, mas ela descobriu que eu estava vivo, bem e escondido em segurança. Isso foi suficiente para que sua mente se concentrasse completamente na tarefa diante dela.

Confiante de que eu estava em boas mãos, ela colocou toda a sua atenção em retribuir ao pequeno grupo de renies por sua bondade. Ex-química de uma empresa farmacêutica e mestre herbalista treinada por minha avó, ela criou maneiras de cultivar e nutrir sua fonte de alimento e ambiente ecológico. A notícia da próspera comunidade subterrânea se espalhou rapidamente e logo renies de outros grupos subterrâneos encontraram seu caminho para sua pequena aldeia. Não demorou muito para que aquela pequena vila subterrânea se expandisse para um grande reino subterrâneo. Junto com esse crescimento veio a necessidade de ordem e de um líder para aplicá-la. A votação para torná-la sua líder soberana foi unânime.

Os primeiros anos de propagação do novo reino foram frutíferos e gratificantes. Ela foi mantida ocupada de surgir para se aposentar e os anos voaram. Então, um dia, ela acordou e olhou ao redor para o belo mundo que ela ajudou

a criar e percebeu que não significava nada se ela não pudesse compartilhá-lo comigo. Ela implorou para que eu voltasse para ela, com Geo como minha escolta. Ela me garantiu que Geo era mais do que capaz de me guiar e proteger se a necessidade surgisse.

Amassei a carta em minhas mãos até que meus dedos ficassem brancos. Minha mãe estava viva. Ela deixou a mim e a meus avós para lutar nesse inferno desolado nos últimos dez anos, enquanto ela nutria e cuidava de estranhos perfeitos. Agora que ela terminou de jogar mamãe para eles, ela me queria de volta. E os meus avós? Ela não mencionou quere-los com ela. Depois de todo o amor e carinho que ela teve de seus pais até o dia em que foi baleada, isso veio como um choque genuíno. Meu sangue estava fervendo e não era porque estava a cerca de cem graus. Senti que estava prestes a explodir de raiva.

Geo deve ter sentido minhas emoções porque ele recuperou uma distância considerável enquanto me estudava silenciosamente.

Quando finalmente senti que poderia falar novamente, olhei-o diretamente nos olhos e disse com um tom controlado que me surpreendeu: "Você entregou a carta. Pode sair agora".

"Eu deveria trazê-lo de volta comigo", disse ele hesitante.

"Bem, isso não está acontecendo", eu disse, "então vá".

Ele me olhou longo e duro e depois deu um aceno de cabeça.

"Se você mudar de ideia, ficarei acampado naquele verde por alguns dias", disse ele enquanto apontava na direção de uma montanha ao longe. "Preciso de uma boa refeição, uma lavagem refrescante e um pouco de descanso antes de voltar."

Estudei a montanha de onde estávamos. Havia uma pequena mancha visível de verde que parecia ser uma clareira com vegetação. Conhecer a área como eu conheci, foi uma escolha acertada. Grande parte da água que estava nessas partes ainda era tóxica, assim como o solo; e era por isso que as solas de seus sapatos estavam nas condições em que estavam.

Tive a sorte de ter o benefício da sabedoria da minha avó. Sem suas misturas, teríamos sofrido mutações há muito tempo. Aquelas pequenas manchas verdes eram os únicos refúgios seguros nesta terra de destruição. Eu não tinha ideia de por que eles não foram atingidos, mas fiquei grato quando eu tropecei em um, porque isso não acontecia com frequência.

Quando ele se afastou, parou e virou-se para mim.

"Você sabe, nem todo o mundo é tão tóxico quanto aqui", disse ele antes de continuar seu caminho.

É, alguns é pior, pensei.

Fiquei observando Geo até que ele desapareceu sobre o canto da estrada de terra antes de seguir em direção a casa.

Eu me acalmei o suficiente para me permitir pensar mais claramente sobre as palavras que minha mãe rabiscava no pergaminho extremamente fino que eu ainda segurava.

Passaram-se mais quinze minutos até que eu sentisse a maciez da grama que cercava nossa propriedade sob meus pés. Parei para inspecionar a área. Nossa cabana estava aninhada entre os dois carvalhos que meu avô plantou quase imediatamente após nossa chegada. Com a ajuda da minha avó, eles cresceram a uma taxa três vezes maior do que o normal que teriam se fossem deixados para a natureza. Sua folhagem espessa acariciava o telhado de ardósia que nos protegia dos raios implacáveis do sol. Fez uma vista tranquila e convidativa.

Cem metros à esquerda da cabana e cerca de vinte metros à direita do galpão de trabalho do meu avô era a estufa de ervas da minha avó com uma horta anexa. As fileiras limpas de plantas, que prosperavam no solo que ela havia tratado para garantir que as toxinas da terra não penetrassem nele, faziam uma tela colorida contra a desolação de nosso mundo exterior. Balancei a cabeça quando mais uma vez pensei no quanto o mundo poderia se beneficiar de sua sabedoria e habilidades. Eu queria saber o que fazer para convencê-la a se aventurar e compartilhar.

Alisei a carta, dobrei-a de volta ao longo de seus vincos e a devolvi ao envelope antes de enfiá-la por baixo da camisa no cós traseiro da calça jeans. As bordas afiadas do envelope arranhavam o pequeno de minhas costas como

uma faca, lembrando-me de sua presença a cada passo que dava.

Meu avô saiu para a varanda ostentando uma onda e um largo sorriso. Sorri para o amor que ele tão claramente tinha por mim. Parecia um contraste gritante com o que eu sentia agora por minha mãe recém-ressuscitada. Minha mão voou para minhas costas e tocou a carta pensativamente. Devo dizer-lhes que a filha ainda estava viva?

CAPÍTULO DOIS

Deitei-me na minha cama estreita que batia contra a parede do meu pequeno, mas aconchegante, quarto e foquei em não vomitar o meu jantar. Minha conversa com meus avós não tinha corrido como o esperado e meu corpo inteiro estava reagindo. Eu praticava o método de respiração controlada que meus avós eram tão fortes defensores sempre que uma situação estressante ocorria.

Não estava ajudando.

Eu estava prestes a ceder e deixar tudo expurgar.

Eu estava sentado e segurando um balde no queixo quando ouvi uma luz batendo na minha porta. Reconheci a torneira. Era a minha avó.

Minhas emoções estavam misturadas. Eu não queria nada mais do que ficar sozinho, mas também sabia que a distração tiraria minha mente da rebeldia do meu estômago e possivelmente a sufocaria. Além disso, não fazia sentido adiar o inevitável. Quando minha avó se dedicou a um assunto, fazê-la largar foi como tentar fazer com que um cachorro desistisse de um osso suculento. Dei um suspiro profundo; em parte por resignação e em parte para controlar a vontade de vomitar. Coloquei o balde no chão e acenei para ela entrar.

Longos cabelos brancos caíram sobre seu rosto ainda liso e oval enquanto ela olhava cautelosamente ao redor da porta. Mesmo em seus anos avançados, sua beleza não podia ser negada. Olhos castanhos profundos cintilavam de

travessuras como a de uma jovem enquanto ela sorria aquele sorriso branco perolado e dentuço que eu conhecia tão bem.

Na maioria das vezes, minha avó era um tipo feliz. As dificuldades que sofremos vivendo em uma parte tão remota e barona do mundo não diminuíram seu inerente espírito jovial. A turvação de seu rosto durante nossa conversa no jantar foi a primeira careta de que me lembro em muito, muito tempo. Ao vê-la de cinco pés, seis centímetros de altura e moldura esbelta deslizar para o meu quarto com tamanha imponência autoconfiante, lembrei-me de uma rainha real entrando na corte.

"Você está com um papinho, querida?", perguntou ela, docemente.

Eu sabia que dizer 'não' não teria sentido, então simplesmente assenti.

"Quero que você entenda o motivo pelo qual eu e seu avô sabíamos que sua mãe vivia", continuou ela enquanto se posicionava na cadeira grande ao lado da minha cômoda. "Como você sabe, sua mãe ficou gravemente ferida. Todos nós vimos as balas entrarem em seu peito. Ela deu ao seu avô e a mim instruções claras para se certificar de que você estava seguro, caso ela fosse morta. Ela nos fez prometer segui-los à risca. Quando a vimos descer, honramos essa promessa e tiramos você de lá o mais rápido que pudemos. Não suportamos a ideia de deixar seu corpo lá, pois sabíamos que mutantes foram vistos na área. Seu avô mandou homens de volta para isso, mas ele se foi. Demorou

mais de um ano para descobrirmos a verdade do que ocorreu. Pensamos em contar, mas você era tão jovem e... bem, sua mãe não era mais ela mesma. Achemos melhor deixar as coisas como estavam."

"Ela explicou o que aconteceu em seu bilhete", eu engasguei baixinho.

"Será que ela agora?", disse minha avó com a sobrancelha levantada.

Minha garganta estava tão tensa de tentar controlar a mágoa que sentia pelo abandono de minha mãe - e talvez pelo aparente abandono de minha mãe por meus avós - que eu mal conseguia engolir, quanto mais falar novamente.

"Então você entende por que achamos melhor simplesmente continuar normalmente", disse minha avó enquanto se levantava para sair.

"Ela sabia onde eu estava e não me queria. Ela não queria nenhum de nós. Ela nos deixou aqui nesse inferno devastado enquanto vivia em um reino subterrâneo exuberante", disse. "Eu a odeio."

Minha avó se moveu para o meu lado e me segurou perto.

"Sua mãe não é a mesma desde o tiroteio. Tente lembrar-se disso. A mãe que você conhecia e amava não existe mais. Lembre-se dela, ame-a, mas não espere que ela retorne. Ela se foi", disse com autoridade tranquilizadora.

"Ela quer que eu vá com ela agora. Depois de todos esses anos, ela finalmente decidiu que me quer com ela", lamentei.

"Isso não pode acontecer", disse minha avó com um abanar de cabeça e um tom gelado. "Esquece", ela continuou insistentemente enquanto acariciava minha bochecha.

"Agora, descanse um pouco. Amanhã é um novo dia e tudo vai parecer diferente para você". Quando ela começou a sair, parou com a mão na porta e olhou para mim. "Vamos trabalhar na roça amanhã. Tenho novas lições para vocês".

"Você já entrou em contato com ela?" Perguntei, melancolicamente.

"Seu avô teve algumas relações com ela", ela respondeu.

"Ela disse que não sabe o nosso paradeiro", ponderei.

"Há uma boa razão para isso, meu filho", disse ela.

"Como você pode entrar em contato com ela e manter nosso paradeiro em segredo? Não entendo", disse.

"Há uma espécie de campo de força à nossa volta", explicou com relutância. "Se ela realmente quisesse nos encontrar, ela encontraria. Ela tem capacidade. Agora durma um pouco."

Eu a vi puxar suavemente a porta fechada e rolar para o meu lado de costas para o quarto. Tinha sido um longo dia. A busca por aquela imagem perfeita se mostrou cansativa e árdua. Só isso já teria sido suficiente para me esgotar, mas o estresse de se deparar com Geo e receber a

carta de minha mãe em cima dela me colocou no limite. Eu estava cansado, irritado e irracional. Minha avó provavelmente tinha razão. Dormir era o que eu precisava. Amanhã era um novo dia.

A manhã provou que minha avó estava certa. Voltei a me sentir como eu.

Era minha intenção destruir o bilhete de minha mãe, mas algo me incomodava nos recessos da minha mente me impediu. Em vez disso, enfiei-o na parte de trás da minha gaveta de cuecas. Eu estava determinado a esquecer isso.

Eu me saí muito bem em manter a nota e minha mãe fora da minha mente durante a maior parte do dia. Minha avó enchia a manhã de aulas de botânica, o que ajudava muito. Achei o mundo da horticultura, botânica e herbologia muito interessante. Fiquei maravilhado com sua capacidade de fazer as coisas crescerem em um ambiente tão barão e decrepito. Nosso pequeno pedaço de casa era um oásis exuberante em um vasto deserto de destruição.

Sou aluna da minha avó desde que me lembro. Conheço os nomes e consigo identificar plantas que estão, em sua maioria, há muito extintas no mundo ao meu redor. Embora, eu não tenho ideia de por que isso seria algo que

ela queria que eu aprendesse. Ela até me ensinou a misturá-los para realçar suas qualidades medicinais.

Quando perguntei por que ela se concentrava em me ensinar sobre plantas que estavam extintas no mundo fora do nosso pequeno casulo, ela simplesmente deu de ombros, sorriu e disse: "Você nunca sabe quando isso virá a calhar".

Meu avô garantiu que mantivéssemos contato com o resto da humanidade através da rede mundial de computadores. Milagrosamente conseguiu sobreviver às duas guerras nucleares menores e uma maior que ocorreram no espaço de tempo de cinquenta anos. Na verdade, melhorou. Como as guerras menores ocorreram muito antes da maior, deu tempo para os geeks do mundo se prepararem e criarem maneiras de salvar ou salvar o que consideravam mais importante. A rede mundial de computadores estava no topo de sua lista.

Comunidades subterrâneas com métodos de comunicação e transporte que excediam o do mundo de superfície também foram criadas após as pequenas guerras. Especulava-se que o planeta seria destruído a ponto de a vida não poder existir na superfície se houvesse uma guerra nuclear. Claro, isso não era verdade. A guerra, no entanto, alterou a composição de grande parte da vida do planeta. Destruiu ou mudou as plantas que não eram resistentes o suficiente para resistir ao ataque tóxico. Isso criou um efeito dominó e a maioria dos animais que permaneceram na superfície sofreram mutações em várias intensidades ou

foram perdidos. Por sua vez, isso afetou os métodos de sobrevivência dos humanos na superfície, cujo DNA também foi afetado pela radiação. Não só perderam muito da sua humanidade, como se voltaram para o canibalismo.

O fato de que a Nova Ordem Mundial se preparou com antecedência para os efeitos que a guerra nuclear teria na superfície do planeta e foi capaz de limpá-la até o ponto em que ela era habitável novamente em um período relativamente curto de tempo foi uma sorte para os pobres e a classe média que sobreviveram ao ataque tóxico sem ou com pouca mutação. O custo de se retirar para um refúgio subterrâneo que os "conhecedores" conseguiram ter pronto era astronômico e algo que só os ricos podiam pagar. Foi esse fato que me deixou curiosa sobre minha mãe.

Estávamos longe de ser ricos antes de sermos separados em batalha, então como ela conseguiu viver abaixo da terra? Ela tinha um benfeitor rico? Seriam esses manifestantes ricos? Como eu não tinha ideia de quem a salvou, não havia como saber.

Ou havia?

Geo poderia me fornecer as respostas que estavam na minha cabeça? Queria saber como minha mãe sobreviveu. Sua carta deixou muita coisa por esclarecer. De onde eu estava durante a invasão do exército de Bartolomeu, seu peito estava cheio de buracos. Como alguém ainda poderia ter um batimento cardíaco, mesmo que de um minuto, depois de um ataque tão grande de balas? Para onde os

renies a levaram quando a encontraram? Quem a encontrou? Quem eram esses renies? Quem a curou? Como a curaram? Como ela se tornou a rainha de uma comunidade subterrânea? Foi simplesmente por causa de suas habilidades com horticultura e biologia?

Sorri para mim mesma ao pensar em alguém ser rotulado de rainha. Eu não achava que esse tipo antiquado de monarquia ainda existisse. Aparentemente, sim. Subterrâneo, pelo menos.

Por mais zangado que eu estivesse pelo abandono de minha mãe de sua própria carne e sangue, eu estava igualmente curioso sobre ela. Queria respostas. Eu precisava de respostas.

Eu sabia que estava indo contra a vontade e as instruções dos meus avós, mas eu só tinha que ter essas respostas. Fui dormir cedo e levantei-me algumas horas antes do resto da casa. Arrumando algumas necessidades, parti para a montanha para encontrar Geo. Acariciei minha bolsa enquanto a amarrava cuidadosamente em minhas costas. Eu esperava encontrá-lo dentro do dia, mas caso demorasse mais, eu teria um pouco de água, alguns produtos de higiene pessoal e uma barraca de dormir compacta para passar a noite.

Eu tinha um estômago que raramente exigia sustento. Por causa disso, eu não só esqueci de tomar café da manhã, como também esqueci de embalar comida. Eu estava andando umas três horas quando ele acordou e falou

comigo. A comida sempre foi abundante em minha casa, então a fome não era algo a que eu estava acostumada. Não gostei da sensação enquanto continuava minha busca por Geo. Se a vontade de saber mais sobre minha mãe não tivesse sido tão forte, eu teria voltado para casa para uma boa refeição.

Era início da tarde antes de encontrá-lo sentado à sombra de uma espessa árvore folhada em uma grande pedra perto de um riacho claro e lento. Ele teve os pés submersos no líquido frio. Ele estava tão limpo que quase não o reconheci. Na verdade, se ele não tivesse me saudado, eu poderia ter andado bem achando que ele era um estranho a evitar.

Ele havia removido a poeira branca semelhante à fuligem de seu corpo. Seus cachos de corvo limpos e ricos brilhavam brilhantemente nos raios do sol e ele havia removido os cabelos de seu rosto. Sua falta daquele casaco de trincheira sujo e gola rolê fedida exibia um tronco superior perfeitamente bufante. Suas calças estavam enroladas no meio de suas panturrilhas fortes e modeladas. Que transformação incrível. Se eu não tivesse me familiarizado tanto com sua voz abafada de sua fala incessante enquanto me seguia outro dia, acho que teria me recusado a acreditar nele a mesma pessoa.

"Você está começando a se bronzear", eu disse desconfortavelmente em vez do que eu queria dizer, que era 'Você é um'

"Eu vejo isso", ironizou. "Isso é tão bom que odeio carregar com todas essas camadas novamente, mas pelo menos dei uma boa lavagem."

Eu embaralhei desconfortavelmente sob seu olhar perscrutador. Sua perfeição engrandeceu minhas imperfeições para mim. Por causa da minha aversão à comida, eu era esguios para a ameaça agonizante de ser considerado escasso. As únicas coisas que me salvaram de tal estigma foram meus quadris curvilíneos e busto bem desenvolvido. De repente, me arrependi de ter ignorado os apelos da minha avó para comer mais vezes e em maiores quantidades.

"Por que você não está bronzeado? Você é tão branco quanto alguém que vive abaixo da terra", disse

Ufa! Isso era muito melhor do que se ele perguntasse por que eu fui construído como um espantalho curvilíneo com peitos. Sorri e peguei a pequena banheira da mistura da minha avó que eu tinha certeza de enfiar no saco.

"Eu uso isso diariamente", eu disse enquanto entregava a ele. "Coloque com parcimônia, mas completamente."

Ele pegou a banheira com um aceno de agradecimento e cheirou-a como se fosse algo para comer. Levantei minha sobrancelha de surpresa quando ele murmurou os nomes de algumas das plantas para si mesmo antes de alisar uma fina camada do goop em seus braços e em seu peito.

"Você tem que esfregar muito bem", eu adicionei.

"Você poderia fazer isso por conta própria?", perguntou.

"Nunca pensei em tentar, mas já a vi fazer isso com frequência suficiente para que eu provavelmente conseguisse", respondi.

"Isso é como ouro, você sabe", disse ele enquanto balançava o recipiente em minha direção para dar ênfase.

Eu sabia. Entre a insistência do meu avô de que seria muito difícil distribuir e o medo da minha avó de que isso nos chamasse muita atenção e destruísse o nosso pequeno mundo de vida pacífica... ou pior, chamar a atenção de Bartolomeu para nós... Eu tinha parado de insistir na questão.

"Vou precisar da sua ajuda com as minhas costas", disse ele, enquanto virava as costas para mim e segurava o frasco para eu mergulhar os dedos.

Minhas mãos tremiam ao ritmo do meu coração enquanto eu fazia o seu pedido. Nunca estive tão perto de um homem que não fosse meu avô. O fato de ele ter limpado tão bem não ajudou em nada. Peguei o cheiro fraco do que ele tinha usado para lavar. Cheirava vagamente familiar. Seria incenso talvez? Eu não podia dizer com certeza, mas combinou bem com o aroma almiscarado inerente de seu corpo e me deixou um pouco inebriante por um breve momento.

Balancei a cabeça o mais despreocupadamente que pude para limpá-la e ajustei meus longos cabelos da cintura

sobre meus ombros para ajudar a camuflar o que eu realmente estava fazendo. Com um suspiro de determinação, quis que minhas mãos se firmassem enquanto alisava o protetor solar de minha avó por todos os ombros largos e musculosos de Geo e por suas costas estreitas. Sua pele parecia surpreendentemente fria, macia e lisa enquanto minhas palmas suavemente empurravam e amassavam a pomada em cada centímetro exposto.

"Faz muito tempo que não me emociono", lamentou.

Puxei minhas mãos para trás como se tivessem sido queimadas em brasas.

"Calma, princesa", murmurou ele com uma risada sexy e parecida com cascalho, "Eu não quis dizer nada com isso além do fato de que parecia bom".

"Não estou habituado a tocar assim nas pessoas", admiti.

Ele lentamente examinou nosso entorno e além e com um rápido aceno e disse: "Não estou surpreso". Como se pensasse duas vezes, ele continuou: "Como você consegue manchar isso em você todos os dias?"

"Eu tenho um... Ah, não, esqueci meu aplicador", disse com genuíno desânimo.

Sem meu aplicador, eu teria que ter assistência para obter a pomada em lugares que eu não poderia alcançar.

"Isso significa que você está vindo comigo?", perguntou, esperançoso.

"Vim em busca de respostas", disse, com firmeza.

"Fale-me de Sybil."

"Sybil?", perguntou com a sobrancelha levantada.

"Quer dizer sua mãe?"

"Minha mãe morreu há dez anos. Essa mulher é uma estranha para mim", expliquei pacientemente. "Não consigo pensar em uma mulher que me abandonaria por tantos anos sem tanto 'como você está' quanto minha mãe. Seu nome é Sybil. Sybil Camron-Merker."

"Agora, isso é uma boquinha", disse pensativo. "Eu não tinha ideia de qual era o verdadeiro nome dela. Não é à toa que todo mundo só chama ela de majestade".

Soltei um gemido e fiz um gesto para que ele começasse a falar.

"Você não prefere perguntar para sua mãe?", perguntou, baixinho.

Quando balancei veementemente a cabeça, pensei ter detectado algo em seus olhos. Foi culpa? Tristeza? Desaprovação? Eu não sabia o suficiente sobre ele para ter certeza da emoção, mas definitivamente havia algo acontecendo dentro dele.

Com um suspiro de resignação, ele me convidou para sentar ao seu lado e mergulhar meus pés na água fria enquanto eu o martelava com uma pergunta após a outra. Embora ele tenha respondido a cada um como foi perguntado, houve momentos em que sua hesitação me fez

pensar se eu estava recebendo a verdade completa ou apenas uma parte dela.

Descobri que Geo não era originalmente do povo da minha mãe. Até recentemente, ele vivia acima do solo em uma das partes sobreviventes do país. Ele deixou claro que sua casa era muito menos afetada e mais habitável do que a minha. Ele era membro de um grupo que se opunha aos caminhos tiranos de Bartolomeu. Foi um pequeno grupo de rebeldes que atacou e sabotou seus atos de tirania sempre que possível. Um dia, o bando de rebeldes de Geo caiu em uma emboscada. Ele foi o único que restou vivo, e depois apenas nu. A história dele soava parecida com a da minha mãe.

Eu piscei quando ele baixou a cintura o suficiente para me mostrar uma marca super fraca que ele disse que era onde uma bala passava por seu intestino. Lutei interiormente contra o ciúme quando ele me informou que um dos rebeldes que lutou e morreu ao seu lado era seu noivo.

Silenciosamente me repreendendo por ser ridículo, continuei com minha cadeia de perguntas. Ele me disse que foi Sybil e um pequeno grupo de seus seguidores que o encontraram e o levaram de volta para sua comunidade underground. Embora ela não cuidasse pessoalmente dele, ela supervisionou o tratamento que ele recebeu. Ele atribuiu seu estar vivo à sua sabedoria e conhecimento. Quando ele foi finalmente curado e recebeu o sinal verde para voltar

para sua casa, ele optou por permanecer e servir em seu exército, já que eles pareciam estar lutando pela mesma causa. Ele havia perdido aqueles que amava na emboscada e sentiu que não havia nada para voltar para casa de qualquer maneira.

Geo respondeu livremente às minhas perguntas sobre como era viver na clandestinidade. Ele explicou como seus olhos demoraram um pouco para se acostumar com a iluminação única e seus pulmões se acostumaram com o ar mais denso. Ele admitiu livremente que preferia na superfície e buscou todas as oportunidades para realizar uma tarefa que exigia que ele passasse tempo acima do solo.

Não fazia sentido que ele permanecesse a serviço da minha mãe debaixo da terra quando ele preferia na superfície. Claro, ela curou suas feridas, mas ele lhe devia sua vida? Eu o questionei sobre isso, mas ele permaneceu teimosamente evasivo. Finalmente desisti e mudei para um tema diferente.

Passamos a próxima hora mais ou menos conversando sobre a vida em sua casa natal versus sua nova casa subterrânea. Sua terra foi poupada de grande parte da devastação que paralisou o resto do planeta, então eles não tiveram que reconstruir ou ajustar tanto. Eles também escaparam do calvário de lidar com mutantes. Sentei-me admirado enquanto o ouvia contar-me sobre a paisagem exuberante e a água potável ali para a tomada. Não foi apenas em pequenos e esquivos remendos. Estava em todos

os lugares. Não parecia real, e se era real eu queria saber por que eles não foram bombardeados pelos sobreviventes a ponto de superlotar.

Ele admitiu que, embora muitas das cidades estivessem lotadas além da capacidade, havia algumas áreas remotas no país que ainda não estavam desenvolvidas. A maioria das pessoas achou que esse afastamento não era do seu agrado ou nem percebeu que ele existia. Foi em uma dessas áreas que a Verso foi localizada. Com uma população de cerca de mil habitantes, faltavam-lhe as oportunidades, conveniências e comodidades de uma grande cidade. Hamlets como Verso eram muitas vezes negligenciados como uma escolha de lugares para viver, uma vez que ofereciam poucas oportunidades de trabalho e vida social. Como Verso era o lugar de seu nascimento, ele preferia muito mais do que o de uma grande cidade e teria vivido alegremente sua vida lá.

Ele passou a descrever a terra da minha mãe.

Onde a vida em Verso soava como paraíso, a vida na sociedade subterrânea de minha mãe soava estéril e restrita em comparação. A água não era naturalmente potável para aqueles que ainda estavam se adaptando a viver sob o solo. Necessitava de tratamento antes de poder ser consumido pelos recém-chegados. Aqueles que nasceram abaixo ou viveram lá por um longo período de tempo foram capazes de tolerar o alto teor de minerais nele, mas um morador de superfície recém-chegado, como Geo, exigiu que ele fosse

tratado antes que ele pudesse ingeri-lo. Quando lhe perguntei o que aconteceria se ele apenas bebesse como os nativos, ele explicou que o excesso de minerais era demais para seu sistema digestivo tolerar e isso o deixava doente; às vezes ao ponto de vomitar.

A iluminação era artificial, a preço de banana, e só encontrava onde morava o principal povo. Havia lugares onde apenas velas ou lâmpadas a óleo forneciam iluminação limitada.

Minha mãe conseguiu cultivar folhagens de todas as variedades, mas novamente só podia ser encontrada em lugares específicos. Isso ocorreu por vários motivos. Em primeiro lugar, o oxigênio era um bem precioso que eles não podiam poupar na vida vegetal. O ambiente artificial não era exatamente propício para a vida vegetal que minha mãe cultivava e consumia oxigênio de maneira semelhante a um ser humano, em vez de como uma planta de superfície faria. Os moradores estavam competindo pelo oxigênio e água com as plantas. Minha mãe chamou a situação de mal necessário. Quando ouvi sua descrição de seu mundo, mais uma vez fiquei atormentado com a pergunta de por que ele gostaria de abandonar a vida acima do solo por isso, mas eu sabia melhor do que pensar que obteria uma resposta se pressionasse a questão.

Como eu era aluna das mesmas mulheres que ensinaram à minha mãe a base de tudo o que ela sabia sobre horticultura e que a incentivaram a ir para a escola para se

tornar bióloga, eu estava reconhecidamente curiosa sobre a vida vegetal que ela conseguiu cultivar em seu mundo subterrâneo. Geo disse que era semelhante ao que foi encontrado em sua terra e mais ao que foi encontrado no mundo antes de ser atingido pela toxicidade nuclear. Ela ainda conseguiu se deparar com alguns fósseis de plantas extintas e trazê-los de volta à existência. Eu me perguntava se alguma dessas plantas eu tinha estudado com minha avó.

"Admito que estou curioso sobre tudo isso", disse, baixinho.

"Volte comigo e sacie essa curiosidade", pediu.

"Não sei se posso tolerar ser underground assim", admiti.

Ele sombreou os olhos com a mão e olhou ao longe em direção à minha casa e sorriu.

"Não pode ser pior do que aqui", disse com honestidade ativa.

Minha reação imediata foi me ofender, mas rapidamente me coloquei em xeque. Ele estava certo sobre a minha casa. Muitas vezes me referi a ela como a "axila do planeta" ao implorar aos meus avós que se aproximassem da civilização. Foi ridículo para mim ficar ofendido por ele ter feito um comentário com o qual concordei sinceramente.

Ouvi a mim mesmo dizer a ele que voltaria com ele enquanto ele me segurava em uma daquelas conexões oculares cativantes que deixavam meu corpo em frangalhos. O que eu estava pensando?

Eu claramente não estava.

O que foi esse homem que me deixou todo torcido por dentro? Senti que estava indo quando deveria estar vindo e vindo quando deveria ir. Foi muito difícil manter a cabeça limpa o suficiente para administrar a situação com cautela. Ele tinha me dito o suficiente para aguçar minha curiosidade e agora eu não sabia se poderia me impedir de segui-lo para casa, mesmo que eu fosse ouvir aquele aviso irritante no fundo do meu intestino.

O resmungo alto do meu estômago trouxe tal cor ao meu rosto que poderia ter sido confundido com queimaduras solares. Era bem tarde e eu ainda não tinha comido. Além disso, eu apenas tinha escolhido no meu jantar da noite anterior. Estava com muita fome.

Ele me poupou de mais humilhação sem dizer nada sobre minha barriga barulhenta. Pegando os pés do riacho frio, ele sorriu para sua pele enrugada pela água, mexeu os dedos dos pés e anunciou que estava com fome. Com tanto barulho quanto se esperaria tomar banho em um hóspede em uma grande casa, ele me ajudou a se levantar, me ofereceu seu braço e pediu que eu me juntasse a ele.

Eu estava duro para andar o mais rápido que pude com a mão em seu braço quando tudo o que eu queria fazer era empurrá-lo para fora do meu caminho e correr para o fogo onde um coelho estava assando em um espeto. Os coelhos eram uma raridade nessas partes e considerados uma iguaria. Como ele tinha conseguido adquirir um estava

além de mim. Naquele momento específico, eu não me importei. Minha fome se sobrepôs à minha curiosidade.

Foi quase doloroso me segurar. O aroma de coelho assado com espigão permeava o ar enquanto caminhávamos mais perto de seu acampamento de cozinha. Limpei a saliva que escapava dos cantos da boca da forma mais discreta possível. Se ele percebeu, foi educado o suficiente para não mencioná-lo.

Comparando a maneira rude como eu disse a ele que ele se assustou quando nos encontramos pela primeira vez com sua ignorância educada de meu estômago alto e babando me fez sentir pequeno e mesquinho. Ampliou a vida isolada que eu levava. Eu tinha muito a aprender sobre socialização com as pessoas.

"O sol estará mais quente daqui a pouco", disse Geo com um bocejo. "Acho que seria melhor viajar à noite, não é?" Embora ele tivesse cozinhado o coelho para mim, ele não comeu nada disso. Mesmo assim, suas mãos estavam gordurosas de preparar e servir. Sem esperar que eu respondesse, ele se levantou e derramou um pouco de água de sua cantina de viagem sobre suas mãos e acrescentou: "Você cochila?"

Não me lembrava da última vez que desacelerei meu corpo o suficiente para tirar uma soneca no meio do dia. Abanei a cabeça para indicar 'não'.

"Bem, tente", disse ele. "Vou lá embaixo dessa árvore." Ele apontou para uma árvore espessa com folhagem que

forneceria sombra suficiente durante o pico mais quente do sol e, em seguida, moveu o dedo em direção às rochas atrás de nós. "Há uma pequena saliência lá em cima que deve funcionar para você. Deve pegar a brisa também."

Ele me entregou a cantina para que eu pudesse seguir o exemplo e limpar minhas mãos antes de partir para sua sesta da tarde. Encolhi os ombros enquanto substituía cuidadosamente a tampa sobre a abertura da cantina e a colocava ao lado de seu pacote de suprimentos. De repente, percebi que eu não tinha notado essa matilha quando nos encontramos na estrada. Fiz uma anotação mental para perguntar a ele sobre isso e depois fui em direção ao local que ele indicou.

CAPÍTULO TERCEIRO

O calor do dia, o esforço de procurar Geo e um estômago vazio que finalmente estava saciado cobraram seu preço. Eu não tinha me deitado para tirar a soneca que eu tinha certeza que não seria capaz de tirar quando Geo estava me sacudindo acordado. Olhei em volta, um pouco desorientado.

O sol se punha e havia muito pouca iluminação no céu das estrelas ou da lua. Questionei como ele achava que iríamos atravessar um terreno difícil para onde quer que fosse, mas decidi guardar minhas dúvidas para mim. Afinal, eu posso não ter viajado muito longe de casa, mas Geo tinha. Na verdade, eu estava bastante certo de que estávamos simplesmente refazendo seus passos de volta ao mundo subterrâneo de Sybil.

Ao atravessarmos a terra desolada que me levou cada vez mais longe do casulo seguro de minha casa, fiquei grato pela pouca visibilidade. Isso me impediu de olhar para trás. Caminhamos por várias horas até que percebi que meus olhos estavam ajustados à iluminação e pude ver formas à distância à nossa frente. Pareciam árvores e montanhas, mas eu não podia ter certeza. O chão em que pisamos ainda era terra batida de barão, sem sinais visíveis de vegetação. Poderia ter sido um dos oásis de vegetação que sempre fomos gratos por encontrar que eu estava vendo à noite, ou poderia ter sido uma invenção da minha imaginação.

Não demorou muito para que ficasse claro para mim que o que eu estava vendo era de fato um bosque de árvores com um fundo montanhoso. Olhei para Geo e fiquei surpreso ao vê-lo olhando para o céu como se estivesse procurando algo.

Era minha intenção perguntar se poderíamos descansar um pouco e apreciar a vegetação exuberante quando a alcançássemos. Em vez disso, perguntei sobre o que ele estava procurando no céu.

"Drones", disse ele, sem rodeios.

"À noite?" Perguntei com surpresa.

"Sempre", respondeu com exasperação.

Eu tinha ouvido falar dos drones usados pela Nova Ordem Mundial para vigiar a população de meus avós, mas sabia pouco sobre eles; incluindo como eles eram. A área em que eu morava não era considerada habitável, então os drones não se incomodavam com isso. Pedi a Geo que os descrevesse para mim para que eu pudesse ajudar a manter a vigília.

"Existem os grandes drones que monitoram os céus durante o dia e os pequenos que zumbem à noite. Estamos procurando os pequenos. Eles têm oito pernas se projetando de seu corpo. Eles me lembram aranhas de grandes dimensões. Onde houver, haverá mais. Eles viajam em bandos para que, se um for abatido, os outros possam transmitir a sede com as informações sobre como aconteceu", disse com nojo.

"Um bando de drones", murmurei. "Parece ameaçador."

"É", disse ele, categoricamente.

"Isso significa que não podemos descansar lá na frente?" Perguntei, hesitante.

Minhas pernas e pés gritavam das horas de caminhada que fazíamos.

Ele olhou para mim e deu de ombros enquanto dizia: "Por um pouco... se precisar."

Fiz cara feia e não falei nada. Eu precisava e não ia me sentir mal ou tola por causa disso. Eu conhecia meu corpo. Dê-lhe trinta minutos de tempo ocioso e eu seria bom como novo.

Chegamos ao oásis em questão de minutos e deixamos nossos ouvidos nos conduzirem ao fluxo fluindo. Tirei meus sapatos e mergulhei meus pés doloridos na água fria. Geo subiu um pouco e verificou se a água era potável com um pequeno kit que ele tinha em sua mochila de viagem. Foi. Ele encheu nossas cantinas de água e depois voltou para mim.

Vê-lo entrar em sua mochila de viagem me lembrou do fato de que ele não tinha a matilha com ele quando nos encontramos na estrada. Era minha intenção perguntar a ele sobre isso quando ele se sentasse, mas, para minha surpresa, eu me estiquei e me deitei na grama macia. Em questão de segundos, eu estava dormindo.

O sol estava apenas beijando os picos dos topos das montanhas quando abri os olhos. Em algum momento durante o que restou da noite eu puxei meus pés do riacho e me enrolei na posição fetal para me aquecer. Meu cobertor de viagem foi retirado da minha mochila de viagem e colocado sobre mim, mas sem nada debaixo de mim, o frio úmido da terra estava contrariando o calor do cobertor.

Quando percebi que tinha dormido, quando só pretendia descansar os pés e as pernas por uns trinta minutos, pulei de pé. Não só tinha dormido, como tinha dormido até de madrugada. Por que Geo permitiu isso? Ele disse que não queria viajar durante o dia por causa do calor. Uma onda de emoção tomou conta de mim. Eu estava irritada com ele por me permitir dormir e irritada por precisar dormir tanto quanto eu aparentemente tinha. Então a culpa se insinuou quando questionei se meu excesso de sono atrapalhava seus planos de viagem. Depois disso, raciocinei comigo mesmo que nossa viagem não estava realmente em um cronograma planejado, então eu não poderia ter atrapalhado.

O som dos passos de Geo se aproximando cessou meu choro. Sentei-me com uma largada.

"Bom dia, sonolento", disse com um sorriso irresistivelmente carismático.

Bem, pelo menos ele não estava com raiva de mim.

"Por que você me deixou dormir tanto tempo?"

Perguntei pensativamente.

"Você precisava disso", disse ele com um encolher de ombros.

"Onde estamos?" Perguntei enquanto olhava em volta.

Eu estive em um oásis ou dois durante meus anos de isolamento, mas nunca estive em algo tão exuberante com a vida como este. Eu podia sentir o cheiro da riqueza do solo escuro e úmido enquanto passava a mão por lâminas espessas e exuberantes de grama verde esmeralda. Pinheiros altos projetavam sombras na luz da madrugada que se mantinham fortes e desafiadoras contra o sol implacável.

"Ainda temos um caminho a percorrer", murmurou Geo enquanto arrumava os restos de nosso acampamento improvisado. "O fogo acabou, mas o chá de agulha de pinho ainda deve estar quente. Preparei uns biscoitos frios para vocês".

Questionei se estava errado sobre sua falta de raiva quando, sem parar seu ritual de embalagem para me olhar, ele apontou para um pequeno aglomerado de arbustos e me orientou a 'fazer meu negócio' lá.

Corri para os arbustos para me aliviar e depois corri de volta para a água para me lavar, antes de me ajudar com o chá morno de agulha de pinheiro e biscoitos frios. Foi a primeira vez que provei chá de agulha de pinho, então hesitei em colocá-lo nos lábios. Fiquei surpreso ao encontrá-lo bastante palatável. Eu não poderia dizer o mesmo para os biscoitos. Eles tinham um gosto mineral; como se fossem feitos de pedra moída. Lembrei-me de seu comentário sobre

a água e presumi que o sabor era resultado de regar suas plantas com ela.

Como se estivesse lendo minha mente, Geo disse: "Os biscoitos foram feitos para a viagem com grãos subterrâneos. A água dá um gosto que você vai notar, mas garanto que eles estão bem para comer."

"Você lê mentes?" Perguntei, hesitante.

Não que eu estivesse desconfortável com o fato de que meu companheiro de viagem poderia ter a capacidade de ler mentes. Foi o fato de que eu não estava ciente disso e eu estava nervosa que ele poderia pegar os pensamentos sobre seu corpo sexy que inundaram minha cabeça em mais ocasiões que eu me importava em admitir. Eu podia sentir a cor subindo em minhas bochechas enquanto esperava sua resposta.

"Não é preciso um leitor mental para saber sua reação ao sabor daqueles biscoitos", disse ele com uma risada. "Não faz muito tempo que meu paladar foi assaltado pelo sabor. Já me acostumei com eles, mas ainda me lembro."

Sorri aliviado, ao mesmo tempo em que garanti que não eram muito horríveis. Agradecendo-lhe a tarifa da manhã, passei a ajudá-lo no pouco que restava para fazer.

Devo dizer que admirei sua proficiência e rapidez em montar e derrubar nosso pequeno acampamento. Acho que isso veio com a prática. Pelas histórias que ele me contou, ficou claro que ele tinha fartura.

Em algum momento durante nossas paradas, ele conseguiu esfregar sua fedora livre de detritos. Ele estava empoleirado em cima de seu cabelo de corvo brilhante que foi puxado para trás em uma fila na base de seu pescoço. Seguro com a proteção do protetor solar da minha avó, ele havia perdido a maioria das camadas que usava quando nos conhecemos. Era difícil manter minha admiração por seu corpo bem desenvolvido sob controle. Eu raciocinei comigo mesmo que era porque eu tinha vivido os últimos dez anos apenas com a companhia de duas pessoas idosas que eu achava seu corpo tão lindamente irresistível. Se as coisas tivessem sido diferentes, eu certamente teria sido menos afetado.

Com o calor do dia se aproximando rapidamente, Geo insistiu em aplicar o protetor solar nas minhas costas. Mesmo usando roupas, minha avó era inflexível em que eu era revestido da cabeça aos pés contra raios que poderiam invadir a trama do tecido. Sem meu aplicador, não tive escolha a não ser aceitar sua ajuda. Eu tremia de prazer erótico enquanto suas mãos fortes espalhavam furtivamente o protetor solar ao longo do comprimento de minhas costas. Quando ele chegou na cintura da minha calça jeans eu engasguei enquanto uma explosão de prazer consumia meu abdômen. Minha cabeça inclinou para trás quando me abandonei ao sentimento. Eu estava segurando minha camiseta na frente, mas, eu estava tão perdida na sensação, que esqueci toda a modéstia e deixei minhas mãos caírem

para os meus lados; deixando meus seios grandes e jovens expostos.

Um zumbido irracional encheu minha cabeça enquanto eu me inclinava para trás contra o peito sólido de Geo. Eu podia sentir seu coração batendo enquanto ele deslizava suavemente sua mão das minhas costas para o meu estômago. A sensação era estranha e impossivelmente excitante. Eu queria que ele continuasse e parasse ao mesmo tempo.

Sua respiração acariciou meu ouvido enquanto eu movia minha cabeça para o lado para permitir que seus lábios encontrassem os meus. Eu mentalmente me repreendi por um comportamento tão desonesto com um homem que eu só conhecia, mas não fiz nada para impedir o que estava acontecendo. Eu sabia que era eu e não ele iniciando, mas eu não conseguia me controlar. Era como se alguma força invisível estivesse me impulsionando para frente. O que foi sobre esse homem que apenas me atraiu para ele como um ímã? Em algum lugar no fundo da minha mente, eu me arrependi dele lavando a sujeira e o mau cheiro que camuflavam sua irresistível boa aparência e magnetismo.

Seu beijo foi longo e profundo. Eu estava muito consumida com as sensações incríveis que flutuava e provocava meu corpo para me preocupar com o quanto amadores meus beijos poderiam parecer para esse beijador muito habilidoso. Eu me preocuparia com isso mais tarde. O

gemido baixo de prazer que vinha do fundo da minha garganta mudou o humor de prazer lento e sensual para necessidade dura e lasciva dentro de Geo. Era como se um interruptor estivesse ligado nele. Ele já não se continha no desejo de me ter. Suas mãos exploraram minha carne de uma forma que fez meu corpo tremer de prazer.

A mudança na atmosfera fez com que minha mente se sentasse e tomasse conhecimento sobre o que realmente estava acontecendo. Lutei dentro de mim sobre o que fazer. Parecia fabuloso, mas também era perigoso deixá-lo continuar. Afinal, eu era virgem. Em que momento devo pedir para ele parar? Essa não foi a primeira vez que me arrependi de não ter amigas da minha idade para conversar, mas foi o momento em que mais me arrependi. Se eu tivesse uma namorada com um pouco de experiência para compartilhar histórias, talvez tivesse uma ideia melhor do que fazer.

Quando seus lábios macios e úmidos consumiram meu peito eu joguei cautela ao vento. Nunca na minha vida eu tinha experimentado as delícias que seu toque criava e eu não tinha intenção de pará-lo agora. Senti a terra fria contra minhas costas nuas enquanto ele gentilmente me posicionava embaixo dele e descompactava minha calça jeans folgada e extremamente desbotada. Não importava o que eu deveria ou não fazer neste momento. Eu estava perdido no abandono sem sentido.

Deitei-me em silêncio atordoado enquanto observava Geo espirrar alegremente a água fria e clara que o oásis proporcionava em seu corpo nu enquanto ele lavava os restos de nossa produção amorosa. Ele me acenou para me juntar a ele com entusiasmo surpreendente, mas eu não conseguia me mover. Eu sabia que precisava seguir o exemplo, mas meu corpo se recusou a cooperar. Eu tremia da cabeça aos pés e tinha certeza de que minhas pernas não me segurariam se eu tentasse ficar sobre elas.

Fiquei em choque. Em algum lugar no meio de toda aquela delícia, um punhal de realidade se aproximou. Meu prazer irracional caiu no esquecimento quando a dor penetrante de minhas ações disparou através de meu corpo tenro. Eu tinha ouvido falar que a primeira vez para uma virgem era desconfortável, mas ninguém me preparou para a dor de tirar o fôlego que me consumiu enquanto ele conduzia sua masculinidade profundamente nas dobras da minha área mais privada. De repente, senti tudo com precisão aguda e não me senti bem. Eu queria que ele parasse, mas seus longos beijos profundos me impediram de gritar o pedido. Lágrimas umedeceram minhas bochechas enquanto ele ritmicamente se dirigia ao seu auge de prazer. Seu peso parecia esmagador quando minha carne macia colidiu com o solo gramado abrasivo ao ritmo de seus quadris fortes e esguios.

Aí acabou.

O calor do dia secou o suor de nossos corpos quase imediatamente depois que ele se afastou de mim e foi em direção ao riacho. Ele ou desconhecia meu estado ou não se importava. Do jeito jovial que ele estava espirrando na água eu me perguntei se poderia ter sido os dois.

A nudez sexy de Geo emergiu da água comigo ainda deitada na mesma posição em que ele me deixou. Sentou-se ao meu lado e sacudiu os cabelos de água fria. Ele a havia soltado de sua amarração para refrescar seu couro cabeludo suado e agora estava pendurada e reluzente contra seus ombros.

"Eu nunca teria adivinhado que você era virgem", disse ele enquanto espremeu o excesso de água de suas madeixas de corvo.

Eu não disse nada.

"Doeu muito?", perguntou timidamente. "Se eu soubesse que você era virgem, eu..."

"Deixa pra lá", eu disse, enquanto me forçava a pular para os meus pés.

Eu queria ficar o mais longe possível dele. Fiquei chateado e não sabia o porquê. Talvez tenha sido por causa de sua atitude indiferente sobre algo que estava mudando a vida para mim, ou talvez tenha sido porque eu estava realmente chateado comigo mesmo. Fui eu que o encorajei. Não foi à toa que ele ficou surpreso ao me achar virgem.

Fui para a água sem me importar com o fato de ainda estar nua. Quando peguei seus olhos admirados em meu físico enquanto me lavava, levantei meu queixo, altivo, para lhe mandar uma mensagem. Consegui captar brevemente o olhar de confusão em seu rosto antes de virar as costas para ele.

Sei que estava sendo irracional, mas não conseguia me evitar. Não foi assim que planejei as coisas pela primeira vez. Claro, Geo era lindo além de lindo, mas se revirar como animais na grama não era a cena romântica que eu sonhava noite após noite solitária quando minha feminilidade se instalou.

Eu não tinha ideia de que ele tinha me seguido até a água até que senti suas mãos lavando a sujeira das minhas costas. Ele foi gentil com suas ministrações, mas permaneceu em confuso silêncio.